

Internalizando e praticando os conceitos e a teoria pedagógica aprendida: um relato de experiência

Maria Cecília Ribeiro Alves

Professora de Linguagens do Instituto Federal de Mato Grosso

DOI: [10.47573/aya.5379.2.88.6](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.88.6)

RESUMO

Este relato apresenta a percepção e ressignificação de conceitos de uma professora que depois de passar muito tempo trabalhando em instituições de ensino da iniciativa privada, voltou a uma sala de aula de uma instituição pública em um bairro periférico da cidade em que vivia. O principal objetivo deste estudo é compartilhar a vivência e aprendizado adquirido durante o ano de 2017 na Escola Municipal Luíz Viana Filho na cidade de Irecê-BA. A pesquisa se desenvolveu a partir de estudos exploratório com abordagem qualitativa. O objetivo desse estudo foi compartilhar a transformação que o ambiente pode provocar no ser. Apesar dos desafios enfrentados, os impactos provocados conduziram a um resultado positivo, proporcionando um crescimento pessoal e profissional à educadora e maior desenvoltura nos estudantes. Foi possível concluir que a relação de confiança através da afetividade é um mecanismo essencial para o desenvolvimento da autoestima e conseqüentemente da aprendizagem.

Palavras-chave: conceitos. ressignificação. afetividade. aprendizagem.

ABSTRACT

This presentation presents the perception and resignification of concepts of a teacher who, after passing the initiative in a long time in private, she returned to a classroom of a public institution in a peripheral neighborhood of the city where she lived. The main objective of this study is to share the learning acquired in 2017 at Escola Municipal Luíz Viana Filho in the city of Irecê-Ba. The research was developed from exploratory studies with a qualitative approach. The aim of this study was to share a transformation which the environment might not provoke. The greatest professionals and education professionals in students are responsible for the importance of personal growth. It was possible to conclude that the relationship of trust through affection is an essential mechanism for the development of self-esteem and consequently of learning.

Keywords: concepts. resignification. affectivity. learning.

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social, desenvolve sua capacidade cognitiva através das interações ao longo da vida. A escola é um espaço em que ocorre a produção do conhecimento, em que as relações sociais são intensificadas e que será determinante na formação do indivíduo. Neste espaço, a figura do professor se torna notável devido a sua importância na intervenção pedagógica e também por estar mais próximo dos principais integrantes desse espaço que são os estudantes. Dessa forma, é necessário ressaltar a importância de uma formação humanizada, a fim de que o educador possa garantir uma boa relação com seus alunos.

Conforme Perrenoud (2002, p.18) a universidade é, potencialmente, o melhor lugar para formar os professores para a prática reflexiva e a participação crítica, ela deve, para realizar esse potencial e provar sua competência, evitar toda arrogância e se dispor a trabalhar com os atores em campo. Essa afirmação evidencia a importância da prática, o quanto o trabalho em campo fará a diferença, pois em algumas situações encontradas pelo caminho, nada nem ninguém pre-

para o educador para enfrentá-las. A vulnerabilidade social, econômica e familiar dos estudantes é algo controverso demais e quase que incompatível com o ambiente escolar.

Legislações brasileiras têm defendido uma educação de qualidade, que promova a integração e a aprendizagem de modo eficaz, mas nem sempre esse ideal é alcançado. Percebe-se que milhares de jovens, mesmo os que frequentam regularmente a escola, permanecem intocáveis em relação a uma educação participativa e realmente eficaz. Consta na LDB:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Percebe-se que o pleno desenvolvimento, constante na LDB, ainda é utópico no que diz respeito às políticas educacionais, mesmo que se tenha alcançado algumas reformas legais aos direitos das crianças e adolescentes, depois da reforma Constitucional de 1988, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8.069/905 e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – Lei Federal 9394/96, ainda é possível perceber a fragilidade da política educacional e os programas existentes que não superam a demanda depara-se com uma enfraquecida política educacional e os programas existentes não superam a demanda, nem garantem o direito a educação previsto nas leis.

Fazer uma investigação em âmbito educacional traz à luz da razão questões já abordadas e evidencia os principais problemas existentes. É sabido que a educação é o pilar de uma sociedade desenvolvida e que, por sua vez, deve ser colocada em primeiro plano.

Qualquer nação que almeja seu crescimento tem que investir na educação, pois é por meio da construção de conhecimentos que os setores econômicos e sociais tendem a melhorar, contribuindo direta e indiretamente na qualidade de vida das pessoas. O fato é que mesmo diante do progresso nesse setor, no Brasil ainda se espera um modelo educacional de qualidade, já que desde as escolas até universidades é possível ver a falta de infraestrutura, a má formação de profissionais, o baixo rendimento dos alunos, entre outros problemas.

O objetivo deste estudo foi compartilhar uma experiência vivida, um amadurecimento pedagógico, um despertar diante da realidade da escola pública e os dados obtidos através da observação e longos diálogos durante sete meses de trabalho e entrega.

METODOLOGIA

As três turmas contempladas nesse estudo eram compostas de 30 alunos, todas do 6º ano do EF II, eram heterogêneas e possuíam alunos de 11 a 15 anos. As aulas ministradas eram de Língua Portuguesa e ocorriam no turno matutino, sendo cinco aulas por semana. E considerando que no momento desta vivência não havia ideia de uma pesquisa, nem mesmo de um relato de experiência o método utilizado foi a Pesquisa Exploratória de cunho qualitativo “As pesquisas exploratórias têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias.” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007). Na pesquisa qualitativa, a preocupação maior é na descrição do tema abordado, compreender as atitudes, ideias e motivações de um grupo específico.

O embasamento teórico utilizado para o desenvolvimento das aulas e, consequentemen-

te, para o desenvolvimento deste relato foram os estudiosos Lev Semionovitch Vigotski, José Carlos Libâneo, o filósofo francês Henri Paul Hyacinthe Wallon e Maria Tereza Maldonado.

RESULTADOS

As aulas de Língua Portuguesa foram pensadas, inicialmente, para alunos já alfabetizados e com base no livro didático fornecido pela escola. A crença e a esperança de desenvolver o melhor trabalho possível através do estudo da Língua Portuguesa estavam ali presentes naqueles primeiros dias do mês de fevereiro de 2017.

O primeiro impacto sofrido foi, finalmente, enxergar a população negra estudantil. Os anos atuando na iniciativa privada não permitiram esse olhar, não que eles não existissem, mas eram uma minoria imperceptível nas escolas particulares. Conforme dados do INEP (2019), as maiores proporções de alunos de cor branca estão nas creches públicas do Estado baiano, num total de 16%, já na educação de jovens e adultos (EJA) o número de pretos e pardos era de 91,4% e nas séries finais do ensino fundamental 89,1%. Esta informação vem de encontro ao aguçamento do olhar do professor ao perceber que a maioria dos estudantes da referida escola eram pretos e pardos. Quanto a distorção de idade série, o maior número de alunos se encontrava no 7º ano do ensino fundamental, sendo a maioria do sexo masculino.

O segundo e maior impacto foi perceber que entre os 30 alunos de uma turma de 6º ano, menos da metade sabia ler e escrever. Todo o planejamento idealizado ruiu diante dessa realidade e a percepção de que o conhecimento e a cultura desses estudantes estava longe demais dos privilegiados da escola privada, ficou claro que a forma de ensinar utilizada até ali poderia funcionar com alguns, mas não com todos. Aquela nova realidade exigiria muito mais do que saber ensinar a língua materna.

Conforme os dias foram se passando, o olhar foi ficando aguçado e buscando compreender todo o contexto: como eles chegaram até ali? Por que alguns estão com idade defasada para a série, mas ainda não estão alfabetizados? O que aconteceu de diferente com a pequena parcela que lê e escreve bem? Por que alguns alunos não participam ativamente? Como fazê-los acreditar que eles são importantes e que a escola também o é?

A apresentação e o planejamento das aulas sofreram modificações conforme a relação professor e aluno foi ficando mais familiar. Para que as aulas acontecessem da melhor forma possível foram utilizadas ferramentas psicológicas para maior aproximação, acolhimento e autoconhecimento. As conversas antes do conteúdo apresentado foram essenciais para que os alunos desenvolvessem algumas habilidades de leitura e escrita. A aprendizagem, além de passar pelo afeto, também passa pelo autoconhecimento e pela autoestima.

O segundo plano desfrutou de arrecadação de verbas entre os funcionários e servidores para garantir o material escolar de quem não tinha, muitos não participavam por não terem o mínimo necessário para tal. O acompanhamento individualizado, disponibilizado pela escola, aos alunos com maiores dificuldades auxiliou no processo de alfabetização de alguns.

Os avanços no desenvolvimento dos estudantes foi notável, alguns se tornaram mais assíduos na realização das atividades propostas, outros se desenvolveram na leitura e na escrita e todos se sentiram mais importantes de alguma maneira. O que mais ficou evidenciado é que,

mesmo sabendo que o sucesso da educação não está apenas centrado no professor, é possível fazer um bom trabalho desde que educador esteja disposto a olhar o estudante de forma holística, compreendê-lo dentro de suas especificidades, saber de seu contexto de vida, o que lhe incomoda ou abala e também compreender que a arrogância muitas vezes é um mecanismo de defesa. Somente com muito amor à profissão e ao próximo é que, dependendo do ambiente, haverá êxito na tarefa de educar. Há uma série de fatores externos que influenciam, desde a estrutura da escola, a desestrutura familiar, a pobreza, a falta de oportunidades e especialmente a falta de conhecimento. Mas, um olhar carinhoso e um ser disposto a fazer o seu melhor conseguirá atingir, senão todos, pelo menos a maioria dos sujeitos envolvidos.

DISCUSSÃO

Considerando que todas as práticas educativas envolvem as teorias do conhecimento, torna-se imprescindível levar em consideração a visão de Vygotsky (1984) que defende a relação do indivíduo com a sociedade como ponto central do desenvolvimento humano e, especialmente, da aprendizagem. Dessa forma, o educador deverá definir que tipo de relação terá com aqueles, cuja vida poderá ser impactada por suas ações, pois, ainda conforme o autor, a mediação do outro é fundamental para o desenvolvimento do psiquismo humano, é através dessa mediação que o indivíduo atribui significados à realidade. Essas afirmações evidenciam a importância da formação humanizada do professor a fim de que o aluno seja percebido em sua totalidade, para que os laços afetivos sejam fortes o suficiente para impulsionar os pensamentos e elevar a autoestima.

Quanto a isso, será possível encontrar respaldo em Libânio (1994) que defende que a afetividade na relação professor e aluno é uma condição favorável e dinamiza o aprendizado. Sendo assim, não há espaço técnicas mecânicas de ensino e que a educação é, entre tantas coisas, um ato de amor e solidariedade.

Embora Piaget já tivesse investigado a análise genética do desenvolvimento psíquico e enfatizado a gênese da inteligência, é em Wallon que se encontra o estudo e a valorização da gênese do ser. Para o autor, o desenvolvimento humano está diretamente ligado à afetividade. Desde o início da infância até a fase adulta, os aspectos afetivos e os cognitivos sofrem alternância:

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente a vida racional. Portanto no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com a predominância da primeira. A sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada um a repercutem sobre a outra permanentemente. Ao longo do trajeto, elas alternam preponderâncias, e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva. (Wallon, 1968)

O autor citado também foi pioneiro a ver os conflitos como algo positivo e abordar as emoções dentro do contexto escolar. Freire (2000) afirma que o conflito é um processo natural e necessário no processo de aprendizagem, sendo bem direcionado se torna um impulsionador no desenvolvimento pessoal e interpessoal. As aspirações contrárias podem gerar incompatibilidades, mas também funcionam como um ponto de partida para a evolução do ser.

É importante lembrar que na teoria Wallondiana a afetividade não está relacionada à permissividade, mas ao fato das relações humanas afetarem o ser positivamente ou negativa-

mente. O que, de certa forma, torna a afetividade uma via de mão dupla em que o professor vai construindo em consonância com a idade, as necessidades psicológicas de cada fase e o contexto social de seus alunos e, conforme os laços vão se estreitando, recebe de volta através do respeito, da confiança e da valorização de suas contribuições. A afetividade é ressaltada através de uma perspectiva histórico-cultural.

Diante das várias realidades da educação brasileira, onde é na escola pública que se encontram os estudantes de maior vulnerabilidade social, os laços afetivos são ainda mais necessários. E devido a isso, não se pode esquecer que o medo e a desconfiança atrapalham a aproximação de alguns indivíduos como afirma Maldonado (1994):

Atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas expressam, com frequência, a necessidade de formar uma carapuça protetora contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos de inadequação (já que sou mesmo incompetente para tantas coisas, por aí eu me destaco) e contra a dor do desamor (ninguém gosta de mim mesmo, quero mais é explodir o mundo).

A autora citada traz a reflexão a respeito dos fatores que dificultam as relações interpessoais, daí a importância do professor estar preparado para perceber essas reações e ter sensibilidade suficiente para buscar uma relação afetiva em que o sujeito, ao se sentir valorizado, vai moldando seu jeito de ser e facilitando o processo de ensino e aprendizagem, esta última é resultado das experiências vividas e do processo de adaptação do ambiente. De modo que, com a mediação correta, o indivíduo se transforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada mostra que os desafios da escola pública são inúmeros e para enfrentá-los nem sempre o que se aprende na universidade será o suficiente. Dependendo das experiências vividas, estas também não serão de grande valia. O que fará toda a diferença será a disposição de se abrir ao novo, de buscar outras possibilidades e, principalmente um olhar humanizado. Perceber e se importar com o outro é o grande trunfo para que o amadurecimento pedagógico aconteça.

A escola pública, um ambiente tão importante e a única opção de formação de conhecimento para a maioria das crianças e jovens brasileiros, ainda necessita de investimentos e recursos. Entre tantos desafios, a formação continuada e humanizada do professor deve ser uma das prioridades. A escola é carente e sua comunidade também o é e para uma formação holística e um real aprendizado é necessário investimento, não apenas de dinheiro, mas também no ser humano que ali está para lidar com outros seres humanos e impactar a vida de muitos de forma positiva ou negativa dependendo de sua preparação.

Muitas vezes, o educador se deparará com pessoas sem ânimo, sem esperança e sem qualquer autoconfiança. Estas pessoas certamente vêm de um ambiente em que jamais foram encorajadas e que por esta razão não enxergam suas potencialidades e estão fadadas a aceitarem qualquer coisa que a vida puder lhes oferecer. Neste cenário, faz-se necessário trabalhar ferramentas psicológicas que incentivem o autoconhecimento e a autoestima. Estes sentimentos são processados através de uma prática pedagógica afetiva, em que o outro perceberá que alguém se importa com ele de forma a mudar o olhar sobre si mesmo. A valorização das pequenas conquistas e pequenos progressos, em si mesmo e nos outros, é um instrumento importante

para estimular a produtividade e o sentimento de cooperação.

Enquanto não há políticas públicas suficientes e eficazes que garantam uma boa educação e uma formação unilateral do indivíduo, é possível compreender que a qualidade das relações humanas impactam no processo de ensino e aprendizagem e que a afetividade é uma importante ferramenta a ser explorada pelos educadores, é necessário sensibilidade para refletir sobre práticas afetivas. O ser humano poderá sempre mudar a si mesmo e através disso, mudar o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto L. Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. São Paulo: UNESP, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2010. Brasília: MEC, 2019.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MALDONADO, Maria Tereza. Aprendizagem e afetividade. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. Revista Brasileira de Educação, Caxambu, v. 12, p. 5-21, 1999. Bimestral. Disponível em: <https://docplayer.com.br/417594-Formar-professores-em-contextos-sociais-em-mudanca-pratica-reflexiva-e-participacao-critica.html>. Acesso em: 15 de abril. 2022.

PIAGET, Jean. Psicologia e pedagogia. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1970.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1968.